



O topo e o todo

Por Pedro Cesarino

O artista potiguara João Nÿn formulou com muita precisão o que deveria ser compreendido pelo mundo não indígena, mas infelizmente ainda não é: “Indígenas não devem estar no topo, mas no todo”. O topo, insiste João, deveria a rigor ser destruído – e antes que ele destrua o todo, caberia completar. De fato, tal reflexão contém de maneira muito potente e sintética o desafio de receber, dialogar e compreender as experiências e pensamentos veiculados por artistas e pessoas indígenas por meio de diversas mídias que, cada vez mais, têm sido reinventadas. Trata-se de caminhar no sentido inverso ao do capitalismo global e da voracidade destruidora que, hoje ou há quinhentos anos, assola povos originários e ameaça a própria possibilidade de existência. O ancestral Jaider Esbell dizia, não por acaso, que a arte indígena contemporânea não está aí para reafirmar a individualidade de que se constitui a imagem e a política branca da cultura, mas sim para propagar a multiplicidade. É ela que, há milênios, compõe a tessitura dos mundos que brancos aprendem a conhecer como “indígenas” mas que, a rigor, são formados por outras capacidades de conexão irredutíveis ao pressuposto da natureza concebida como recurso a ser explorado.

Expropriados de seus territórios, os Mapuche combatem há séculos o Estado chileno, que insiste em não devolver a autonomia que lhes foi roubada. Combatem, entretanto, também através dos sentidos e da música. Evelyn González Seguel, diretora do grupo ÜL KIMVN, compõe em homenagem à sua bisavó, uma machi que viveu na região de Temuco. Pois as machi, as pajés dos



Mapuche, são justamente as “mulheres da terra” capazes de produzir e de transportar as conexões entre formas de existência ignoradas e perseguidas pelo Estado. Não é distinta a mensagem da pajé Mapulu Kamayurá, que adverte os brancos para o risco do desmatamento, dos incêndios e da poluição. A floresta é a casa dos *mamaé* e sua destruição gerará a ira dessas presenças (que brancos entendem como “espíritos”) responsáveis pela cura e pelo equilíbrio do mundo. Por contraste com os Mapuche, conhecidos pela atuação expressiva de pajés mulheres, Mapulu teve que convencer seus parentes e iniciadores, todos homens, de que também seria capaz de intermediar as presenças e espalhar benefícios para sua comunidade. Agora que sua palavra circula por meio da imagem digital, ela poderá se somar às outras que, a exemplo de Davi Kopenawa e de Ailton Krenak, têm contribuído para produzir a profunda mudança de paradigma de que precisamos – não apenas para estabelecer a tardia reparação da violência colonial, mas, também, para lidar com a dinâmica implacável da extinção que já mostra os seus sinais.

Habitar a adversidade e resistir em cenários sombrios, condição imposta às pessoas indígenas há séculos, torna-se também uma tarefa a ser aprendida. Ela passa agora a ser propagada através do teatro e de outras formas de criação artística que, a rigor, sempre lhes pertenceram, embora tenham sido negadas pelo empreendimento colonial. É por isso que se faz necessário “contrateatralizar”, como diz mais uma vez João Nÿn, isto é, desmontar os fundamentos jesuítcos dessa prática que tanto restringe como abre universos; fazer com que a expressão artística possa ser um lugar de “construção de dignidade” e de outros modos de aliança poética. Atores e atrizes serão, então, rebatizados de “guardas das almas, das palavras”, de acordo com a tradução-invenção do termo realizada por João em parceria com os Guarani. O



artista potiguara prepara com eles um novo projeto, pelo qual aguardamos com serenidade.

